

Coluna do Castello

Com economistas não se deve descuidar

Há uma crescente confiança nos resultados da ação do ministro da Economia, Marcílio Marques Moreira. Sem querer levantar qualquer sombra de dúvida sobre os acertos do ministro e de sua equipe, com os quais o país volta à expectativa de conviver com estabilidade e crescimento, sempre é oportuno recordar outros momentos em que políticos e economistas acenderam esperanças que, no entanto, se transformaram em grandes frustrações. A oportunidade para esse reencontro está sendo dada agora pela publicação de uma coletânea de entrevistas à Rádio JORNAL DO BRASIL entre 1985 e o ano que termina.

Antes de mais nada convém informar que *Encontro com a Imprensa* — o rádio lido, que enfeixa as entrevistas, a ser lançado dia 17, foi organizado por Clarice Abdalla, que edita o programa radiofônico desde o início, e nele colaboram jornalistas entre os quais Sônia Carneiro e Sidney Resende. O temário é eclético e os personagens variados. Versam as entrevistas desde a política e a economia, passando pela psicanálise, até a arte e o humor. A justificativa da transcrição em livro desses depoimentos, como diz seu apresentador Villas-Bôas Corrêa, está no seu valor histórico.

Há textos ricos, como o longo diálogo com Hélio Pelegrino, e impressionantes, como o depoimento do reverendo James Wright, o da *Tortura nunca mais*, e páginas excitantes, como o registro das entrevistas dadas ao vivo por Collor, Lula, Brizola e Luís Carlos Prestes, tudo no calor da sucessão de 1989, fato já histórico, mas que continua a produzir efeitos. Mas vou por onde minha reflexão se sentiu estimulada, tal como antecipou Sônia Carneiro sobre os objetivos da coleção. Vou pelas candentes palavras de dois reformadores da nossa política econômica ainda quentes na sua expectativa de êxito.

Não deixa de ser comovedor, por exemplo, reencontrar a candura do messiânico ministro Dílson Funaro que acreditava ter promovido com o Plano Cruzado a maior distribuição de rendas da história do Brasil. Convicção que ele transmitiu ao presidente José Sarney, que também a proclamava na época e mesmo depois. Talvez ainda hoje ele pense assim. Funaro dizia que um auxiliar de construção civil, com o plano salvador, dobrara seu salário. "O Brasil hoje", disse ele, "é um país que voltou a ter estabilidade." Ele minimiza-



va o desabastecimento que se tornava já inquietante, menos para ele.

A entrevista era de agosto de 1986. Em abril de 1987 o ministro deixava o lugar sem ter tempo de armar um terceiro plano (o segundo também já se fora) nem estímulo para fazê-lo. Em nova entrevista, Funaro atribuiu suas dificuldades e sua saída à pressão dos devedores externos e voltava a dizer o que já se dizia, muito antes dele, isto é, que a solução para o Brasil só virá com o crescimento econômico. Funaro deixou saudades e deixou discípulos que atuariam até recentemente à sombra da primeira etapa do governo do presidente Collor.

Economistas, no entanto, parecem incorrigíveis. Um deles, tido como o principal inspirador do Plano Cruzado, que afinal não seria de Funaro mas de Sayad, segundo recente declaração de Sarney, foi mobilizado para fazer o plano sucessor de Funaro. Trata-se de Francisco (Chico) Lopes, de notória influência nos meios acadêmicos nos quais exerce uma prestigiosa liderança. Ele assumiu a co-autoria do Plano Bresser e o defendia publicamente. A Rádio JORNAL DO BRASIL, foi categórico: "Agora temos uma política econômica", o que parecia surpreendente na boca de um dos autores do plano anterior.

Chico Lopes não tinha qualquer dúvida, tanto que, a uma pergunta sobre se o Plano Bresser dera certo, respondeu: "Claro que está dando certo." E garantiu que não se repetiria a frustração que se dera com o Plano Cruzado: "Isso não vai acontecer." Admitiu que, dados problemas conjunturais, a inflação poderia ir ainda aos 10% no final daquele ano de 1987 mas voltaria a cair de maneira definitiva. Todos sabem que isso não aconteceu e que o Plano Bresser também não deu certo. E não deu, a tal ponto que, depois dele, só foi possível cozinhar o *feijão-com-arroz* de Mílson da Nóbrega, até que se encerrasse o governo.

A coletânea de entrevistas da Clarice Abdalla reúne no final, sob a rubrica "Arte, cultura e humor", entrevistas diversas. Entre elas, as de dois personagens, o escritor Fernando Sabino e o humorista Chico Anísio, que nada têm a ver com economia, mas têm suas imagens ligadas à vida e à paixão da ex-ministra Zélia Cardoso de Mello, oriunda do *funarismo* e responsável por mais dois planos que também não deram certo.

Carlos Castello Branco